

MITRA DIOCESANA DE PATOS DE MINAS

SÍNTESE DIOCESANA DO SÍNODO 2021-2023 **Por uma Igreja sinodal – comunhão, participação e missão**

Síntese da fase diocesana, fruto da consulta do Povo de Deus realizada em toda a circunscrição eclesial da Diocese de Patos de Minas.

Bispo: Dom Frei Claudio Nori Sturm.

INTRODUÇÃO

Vivemos hoje um contexto de época singular e um momento, curiosamente paradoxal. Sem dificuldades, podemos afirmar que nunca houve tantas facilidades como na época atual. Com o avanço da ciência e da tecnologia, o mundo se tornou mesmo uma aldeia global. Os avanços alcançados pelo desenvolvimento científico e tecnológico, nos campos da biologia, da saúde e da vida principalmente, nos últimos cinquenta anos, têm colocado a humanidade diante de situações, até há pouco tempo, inimagináveis.

A Igreja, Povo de Deus, não pode deixar de olhar para a realidade complexa do mundo atual, mas, ao mesmo tempo, não pode ser protagonista do desânimo e da desesperança. Precisamos, pois, além de olhar e constatar a realidade com atenção e objetividade crítica, agir. Não podemos esquecer que a Igreja como “Mãe”, alimenta, e “Mestra”, ensina, é guiada pela luz e força do Espírito Santo, e não é a primeira vez que a Igreja presencia dificuldades e tempos difíceis.

O Papa Francisco, na encíclica *Fratelli Tutti*, nos convida a superar a cultura do descarte, do individualismo, do consumismo e da competição. Ele sublinha a urgência de uma cultura do encontro, da sinodalidade, do diálogo respeitoso às diferenças, da passagem da desconfiança e do ódio para o estilo de vida de contato, de pontes, do prazer de reconhecer o outro em seu direito de ser ele próprio e de ser diferente. E diante disso, alguns aspectos e tendências são urgentes de observação e discernimento para nós, servos e servas fiéis do “Evangelho da alegria”.

Toda a Igreja está convocada pelo papa Francisco a percorrer o caminho rumo ao Sínodo (outubro 2023): “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”. Assim, ele convida a Igreja inteira a se interrogar sobre um tema decisivo para a sua vida e a sua missão: o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio.

A Igreja de Jesus Cristo, ao longo de sua história, concretizou muitos passos e aprendizados. Foi notadamente, no Concílio Vaticano II (1962-1965), que ela percebeu com clareza que o melhor jeito de ser e de caminhar, para bem cumprir a sua missão, é o “jeito sinodal”. Não se trata de tarefa fácil, exige muita preparação e profunda conversão de todos ao projeto de Deus.

Sinodalidade é o esforço coletivo e a busca contínua de aprendermos a “caminhar juntos” como irmãos e irmãs que somos. É um jeito de ser Igreja pelo qual cada pessoa é importante, tem voz, é ouvida, capacitada e envolvida na realização da missão. Não se trata mais de estar uns sobre outros, mas de nos colocarmos entre iguais para juntos fazermos a experiência de fé, frente aos desafios internos e externos que se apresentam em nosso dia a dia (CNBB, 2021).

O conteúdo desta síntese diocesana foi organizado de acordo com as questões temáticas propostas. O objetivo foi transmitir adequadamente os diversos frutos, pontos de vista, alegrias e desafios da experiência sinodal e do discernimento do povo como forma concreta de contribuição na fase diocesana de escuta do Povo de Deus.

De outubro de 2021 a junho de 2022 tivemos um período para realizar o sínodo nas mais diversas comunidades rurais e urbanas das 46 paróquias que compõem a diocese de Patos de Minas onde tivemos um recolhimento de respostas e sínteses realizadas a nível paroquial, para enfim elaborarmos esta síntese apresentando os mais diversos frutos, alegrias e desafios.

1 QUESTÃO FUNDAMENTAL

Caminhar junto é surpreender e ser surpreendido. Caminhamos juntos, quando há participação da comunidade junto às obras e as celebrações da Igreja, quando se reza mais em comunidade, quando se participa dos momentos litúrgicos e dos dias de festas da comunidade.

O caminhar junto significa estarem todos alinhados, em prol de um único objetivo. Realiza-se através do chamado, e se concretiza no trabalho das pastorais e movimentos.

Os sinais claros de uma Igreja Sinodal são aqueles que mostram a preocupação em incluir toda a comunidade, e que façam todos sentirem-se incluídos.

O Espírito Santo nos pede para que nos olhemos, uns aos outros, como irmãos em Cristo; que procuremos ver e entender a necessidade de cada pessoa ao nosso redor, primando pela humildade; olhar o outro com empatia, sendo mais solidários, colocando o amor em prática e respeitando as diferenças dos outros, ressaltando que sempre sejam fieis ao compromisso assumido. O chamado vem de Deus, por isso precisamos invocar sempre o Espírito Santo, através de muita oração, pedindo sabedoria e aceitação, para caminarmos juntos enfrentando nossas dores, angústias e sofrimentos.

O pedido para caminhar juntos necessita de uma resposta como um ato de obediência. Contudo, existem entre nós muitas diferenças que nos impedem de caminhar juntos.

2 COMPANHEIROS DE VIAGEM

Percebe-se que, em sua totalidade, as pessoas reconhecem como sendo aqueles companheiros de viagem, as suas famílias, seus movimentos, a comunidade, os clérigos, os batizados, os companheiros de pastoral. São o povo de Deus, caminhando em prol de um objetivo comum, cumprindo com os planos Dele. Caminhamos juntos com pessoas que estão em movimentos e pastorais como nós. Muitos são chamados a caminharem conosco, porém muitos não aceitam o convite, por não querer uma mudança de vida, por acomodação ou medo da discriminação.

Uma porcentagem razoável reconhece que muitos estão sendo deixados à margem do caminho: os doentes do corpo, da alma e que necessitam de maior empenho para caminhar juntos, os casais amasiados, os casais em segunda união, as famílias que estão perdendo seus filhos para o narcotráfico, as crianças exploradas, as pessoas mais simples e humildes, as pessoas que não participam de nenhum movimento ou pastoral, os homoafetivos, os irmãos machucados psicologicamente e espiritualmente, os considerados marginalizados, os considerados “pecadores”, os sem teto, os dependentes químicos e as prostitutas.

Acrescentam-se aqueles que a sociedade rejeita como os menos esclarecidos de seus direitos, idosos, enfermos, feministas, homoafetivos, marginais. Também pessoas que vão deixando de lado sua vida espiritual, que não alimentam sua fé e não assumem suas responsabilidades como igreja; aquelas que não conseguem ser acolhidas ou não se sentem acolhidas e assim se afastam, vivendo à margem da sociedade e da Igreja; aqueles que não se doam; aqueles que não conhecem e não tentam conhecer Cristo; aqueles que, mesmo sabendo que Deus é o único caminho, preferem ficar e desistir na sua primeira decepção ou dificuldade. Temos também os fariseus atuais que julgam, condenam e apedrejam os mais necessitados da misericórdia de Deus. Tudo isso deveria ser revisto.

3 OUVINDO

O processo de escuta não é fácil. Falta mais compromisso e incentivo de muitos. Ouvimos o contexto social e cultural em que vivemos com desigualdade e tristeza. Este contexto social e cultural, influenciado, pelos meios de comunicação, quando não bem utilizados não nos ouve e quer nos impor algo que não condiz com nossa fé, levando assim ao esfriamento ou ao abandono da mesma.

Precisamos ouvir mais as famílias, os jovens, os idosos, pessoas em segunda união, pessoas separadas, LGBTQI+. Os excluídos nem sempre são ouvidos, precisam de mais atenção. Jovens e adolescentes são mal orientados nas catequeses, que contém conteúdo raso. Muitos não entendem o significado dos sacramentos, estão lá por obrigação que vem dos pais, sem ter um sentimento real que a catequese consegue passar.

Muitas vezes são reservados aos jovens apenas trabalhos simples e sem protagonismo, sendo que eles são capazes de contribuir em decisões econômicas, realizações de eventos e outras atividades na paróquia.

Percebemos que os mais fragilizados estão à margem da igreja e é necessário acolher mais as pessoas que sofrem. O sacerdote é muito sobrecarregado e o tempo fica pouco para exercer a função de pastor. Também há os que acham que, na nossa Igreja, todos são ouvidos sem discriminação, pois todos são filhos de Deus.

4 FALANDO

Nossa comunidade cristã consegue se expressar através das pastorais, movimentos ou ministérios, onde todos conseguem falar e opinar, e os líderes repassam adiantes as ideias tomadas. Os escolhidos a falar em nome da comunidade precisam se informar melhor. Muitos não conhecem muito bem a fé, a vida da Igreja, por isso ainda não testemunham essa fé. Precisam também ser pessoas com vida de caminhada baseada em ações e atitudes cristãs.

Trata-se de uma nova consciência de que a igreja e sua ação evangelizadora não são apenas assunto do clero, mas também de uma realidade a ser vivida, em pé de igualdade, por todos os batizados, leigos e consagrados. Muitas vezes nós, católicos, pouco falamos: somos mais de ouvir, muitas vezes temos vergonha e medo de expressar nossa fé, nossas tradições. Assim não temos argumentos para defendê-la.

A Igreja não vive para si mesma, ela cresce descobrindo novos caminhos e valores, enfrentando novos problemas. Procura ser dinâmica, buscando uma integridade social, dando oportunidade de fala e escuta ao outro, trabalhando em unidade, procurando humanizar a convivência entre os homens.

A Igreja Católica deve estar presente nos meios de comunicação de massa, para evangelizar, introduzir o mistério de Cristo. Todos nós somos responsáveis pela transformação e formação do mundo. A variedade e alcance dos meios de comunicação auxiliam na divulgação, porém, existe o risco de julgamentos e agressões que muitas vezes nos calam.

As pessoas que buscam na TV, internet, rádio, acessam um site, acompanham uma celebração religiosa estão querendo participar de uma comunidade cristã. O maior desafio do cristão será viver no mundo, e não ser do mundo; vencer as tentações do pessimismo, a acomodação, o isolamento, a falta de valorização dos jovens, mulheres, idosos; superar as diferenças e divisões.

A promoção de um estilo comunicativo e autêntico pode ser promovido através de encontros, palestras, formações, diálogo autêntico e sem ambiguidades. Atualmente, utilizamos as redes sociais que são grandes aliadas, promovendo uma comunicação eficaz e imediata. Não podemos ser negligentes ao falar, devemos ser ousados, usando de firmeza e

com a autoridade do Senhor, através de uma comunicação clara, objetiva, acessível e de fácil entendimento. Os leigos que não estão integrados têm maiores dificuldades. Temos que promover o diálogo com verdade e caridade. Assim, ouvir com e em todos os sentidos, todos os segmentos, exercendo a caridade fraterna, com respeito às diferenças; usar os meios de comunicação atuais para chamar o povo e para evangelizar.

5 CELEBRAÇÃO

A liturgia e a vida em comunidade norteiam nossas vidas, alimentam e orientam espiritualmente. A celebração litúrgica e a oração são muito importantes, pois através do Evangelho e a homilia do padre sentimos Deus falar conosco. É daí que retiramos nossas forças para enfrentar os desafios da vida e conseguirmos caminhar juntos. Com a ação do Espírito Santo, conseguimos absorver as palavras e transformá-las em ação.

As comunidades são ambientes propícios à escuta da palavra e fração do pão: Eucaristia. A vida em comunidade nos leva a uma vivência da unidade; na diversidade, onde se celebram as reflexões bíblicas nos tempos fortes. Viver a oração, fraternidade, o aprofundamento na formação da fé, o compromisso de ser apóstolo na sociedade hoje. A Eucaristia une todos no mesmo patamar, inserindo a Igreja no mundo. Um líder amigo e carismático ajuda a comunidade a interagir e estar participando com amor e alegria.

Pelas homilias edificantes e vividas, podemos refletir. A oração e a celebração litúrgica abrem nossos olhos para um mundo melhor, um mundo em que Deus nos guia, através de suas palavras. Cuide-se para que homilias não durem mais de 10 minutos, tempo máximo em que as pessoas, além de ouvir, conseguem absorver o que nos é ensinado.

As decisões mais relevantes devem ser resolvidas por um grupo. Através dessas decisões há uma escolha de bons fiéis para o bom desempenho da liturgia. Com a participação assídua nas celebrações, nos tornamos mais próximos de Deus e da Igreja.

Quanto mais somos convidados a contribuir de forma ativa, mesmo que com pequenos gestos para o planejamento e execução das atividades religiosas, mais nos envolvemos e somos fiéis à nossa Igreja. Então, faz-se necessário observar com cuidado o catecismo da Igreja Católica, com seus ensinamentos. Um curso de oratória e o conhecimento mínimo de como “celebrar”, ajudariam muito.

A valorização da catequese das crianças, adolescentes, jovens e adultos precisa ser fortalecida. O que se percebe hoje é que poucos fazem de fato uma experiência de celebrar a Palavra e a Eucaristia, pois não têm uma consciência formada e madura do mistério celebrado. Com a ação do Espírito Santo, somos capazes de discernir o que nos leva a uma vida melhor, lado a lado com Deus. Assim sendo, temos melhores condições de incentivo diário, diálogo, valorização do ser humano. Então vamos colocar em movimento as ideias, as energias e a criatividade de todos aqueles que participam do itinerário, e facilitar a partilha dos frutos e do seu compromisso.

É sempre um desafio colocar novas pessoas nos trabalhos pastorais. São sempre os mesmos fazendo tudo, bem como torna-se difícil outros deixarem as lideranças. Acreditamos que a participação de todos os fiéis deveria ser mais observada, oportunizando maiores inclusões dentro das celebrações e movimentos da igreja. Precisamos encontrar formas de trazer novas pessoas para os serviços.

6 COMPARTILHAR A RESPONSABILIDADE PARA NOSSA MISSÃO COMUM

Tomemos posse da missão que o Senhor nos confiou, oferecendo os dons e carismas a serviço da Igreja, da família e dando testemunho de vida. É necessário que cada um assuma, com responsabilidade a missão que lhe é confiada. A participação na Santa Missa

é primordial, bem como, a participação em pastorais, movimentos e outros serviços ajudam os batizados a viver sua missão na doação diária, como mensageiros da fé.

Falta nos batizados a criatividade, o dinamismo, o ardor missionário, para atrair as pessoas até Jesus. Ficam presos na mesma maneira de “fazer missão”, anos e anos. É preciso demonstrar a alegria de ser Igreja! Enquanto membros da Igreja, é necessário olhar o papel de leigos, de ser bons pais, bons profissionais, bons políticos e entender que a principal missão é na sociedade. Alimentados pela Eucaristia e a vida na comunidade, mas enviados para testemunhar na sociedade e propagar a Palavra de Deus, em todos os lugares. A Igreja também precisa apoiar os seus membros que estão na política, sustentá-los na fé e formação espiritual e doutrinal, para que não se desviem na caminhada. E estimular os católicos a se comprometerem com a vida política.

Para bem viver os compromissos, os líderes de pastorais e movimentos devem procurar ao máximo incluir, acolher e motivar todos os fiéis a se envolver nas suas ações, acolhendo e direcionando no caminho de fé. Um exemplo seria o acompanhamento continuado, desde a catequese da criança, de forma pessoal e missionária. Muitos se perdem e são esquecidos, durante a caminhada; acabam ficando pelo caminho, pela falta de motivação e instrução. A Igreja não deve se esquecer de mostrar o caminho de Deus para as pessoas, sempre.

7 DIÁLOGO NA IGREJA NA SOCIEDADE

No seio da igreja particular, os temas são bem tratados pelos seus líderes, porém podem ser melhorados, ouvindo mais os leigos, as pastorais e movimentos sendo mais próximos, sem ambição ou preconceitos. Divergências e dificuldades são tratados dentro dos movimentos e pastorais, solicitando mais abertura, diálogo e transparência. A comunidade tem apreço pelo bom convívio entre a religião e demais poderes; há respeito e entendimento entre as partes.

8 ECUMENISMO

É um assunto muito discutido no âmbito católico a maneira como o cristão da vertente Apostólica Romana tem se comportado em seus relacionamentos com cristãos de outras ramificações ou, até mesmo com religiosos de denominações não-cristãs (como os judeus, por exemplo).

Com o Papa Francisco, percebe-se cada vez mais o entendimento de que todos os cristãos partem do objetivo de ver a vida de Jesus como o ápice para a boa conduta humana: no segmento daquilo que ele pregou e viveu, e na certeza de que Cristo, assim como em sua prática com Maria Madalena, não focava em vertentes, mas sim, no caminhar junto a DEUS.

Sabe-se que as inúmeras religiões, apesar de terem passado por momentos de questionamento e aceitação junto à Igreja Católica, caminham hoje, dentro de nossa diocese, baseando-se no respeito e na convicção clara de que são o amor e a generosidade os pontos reais que fortalecem a vivência de DEUS, em cada ser humano e em cada templo.

Diante dessa evolução nítida de empatia, aceitação e respeito em relação às outras religiões de cunho cristão, vê-se a constante necessidade da Igreja Católica de continuar sua fala, pautada na Soberania do Amor de DEUS; estar acima de doutrinas que afastam pessoas.

O verdadeiro cristão, no seio da Igreja e da família (que ao longo da vida vai constituir), deve educar seus filhos para a defesa do amor de DEUS e para a formação constante de uma fé fortalecida em união.

É fundamental que as igrejas continuem a perceber que existem sim, diferenças dogmáticas, mas que elas são incapazes de enfraquecer aquilo que é o Verdadeiro Alimento: a

trindade de Pai, Filho e Espírito Santo – a verdade que não se divide em gamas religiosas, mas que se instala e faz morada dentro do coração de cada cristão.

Nota-se uma falta de formação para o ecumenismo e o diálogo inter-religioso.

9 AUTORIDADE E PARTICIPAÇÃO

Consideremos que a comunidade precisa estudar mais, refletir e abandonar questões ultrapassadas de falar e congregar. Entender que muitas pessoas já viveram, estudaram e testemunharam muito, até chegar na melhor forma de servir e aliar isso à humildade. Assim, teremos uma igreja com mais unidade, valorizando esse processo de escuta do povo, restabelecendo essa parceria de hierarquia e fiéis.

A prática e a vivência dos ensinamentos de Cristo nos ajudam a caminhar de forma cooperativa e coordenada. Mesmo diante dessas dificuldades, a coordenação é necessária e traz a qualquer grupo uma situação de unidade, organização e resultados. Devemos falar sem distinção de religião, ouvir e acolher todos os povos.

Um grande desafio é a prática. Muitas vezes os planos pastorais, documentos, sínodos são feitos, mas, na prática, pouca ‘coisa muda’. Na maioria das vezes são engavetadas excelentes propostas criadas nos espaços de sinodalidade e assembleia. Sendo assim, há uma grande necessidade de transformações, porque estamos vivendo um mundo de mudanças, e a Igreja precisa buscar os fiéis que estão se afastando; devemos ouvir e ver qual melhor caminho a seguir.

As ações e movimentos devem ser mais descentralizados, pois envolvem sempre as mesmas pessoas. Devemos procurar incluir mais, mostrar que cada fiel tem seu lugar e importância dentro da Igreja; procurando todos a se ajudar mutuamente, a buscar um mesmo sentido no caminho de Cristo.

O cumprimento da missão evangelizadora deve ter clareza das funções a cada um confiados, ser apaixonado pela pessoa de Jesus Cristo, ter uma fé firme e testemunhada; mudanças de mentalidades e práticas, aceitação da proposta eclesial; seguir com responsabilidade, compromisso, fidelidade, consciência, onde movimentos e pastorais se unem em prol dos mesmos objetivos.

Uma Igreja Sinodal busca acolher o irmão como ele é. Com fé, alcançaremos os objetivos traçados, saindo de nosso egoísmo, sendo comprometidos com o sofrimento alheio e vendo as chagas abertas na sociedade. Com o Papa Francisco a Igreja teve um novo olhar. Contudo vivemos um momento único, no qual, todos somos convidados a ser corresponsáveis por um trabalho diante de uma Igreja Sinodal, com participação ativa e corresponsável.

10 DISCERNIR E DECIDIR

Para decidir, é necessário discernir, e para que seja possível o discernimento é necessário o estudo e conhecimento de todo e qualquer projeto a ser referendado, ou seja, sempre é tomada a decisão depois de aprendermos mais sobre o assunto tratado, e depois do diálogo, para se chegar a uma conclusão.

O caminho correto a seguir sempre será o ensinado pela palavra de Deus, por isso, as decisões são tomadas em oração; rezamos e damos discernimento na Palavra que o Senhor fala para nós, através da ação do Espírito Santo, sempre com responsabilidade, conformidade com as leis da Igreja, respeitando o próximo e colocando amor na tomada de decisão.

Para que as decisões sejam tomadas com discernimento e tenham um impacto significativo, primeiro se reúne com os interessados e se cria um ambiente próprio. Logo vêm os debates e diálogo; então, se investiga a situação, analisa o fato ocorrido, explora as opções, seleciona a melhor solução e toma as medidas necessárias, na busca de soluções que melhor

atingam nossos objetivos, em favor do Reino de Deus. Seguindo esses parâmetros, conseguiremos melhorar a comunidade em que vivemos.

A tomada de decisões deveria ser sempre em grupos e com a opinião de todos. Pode-se promover, essa participação, escutando e dando voz a todos, colocando a opinião de todos em questão e decidindo o que é melhor para todos. Dar atenção à crítica, principalmente dos jovens e adolescentes, escutá-los e valorizar o que eles dizem; dando atenção a uma conversa aberta e construtiva; colocando-se no lugar do outro, e criando uma abordagem mais macia, atenciosa, calma e ouvinte, para que, assim, nossos irmãos não fiquem envergonhados e reprimidos em dialogar e demonstrar sua verdadeira opinião. Construir debates saudáveis e respeitosos. Além disso, aqueles que têm interesse, podem sempre participar, através de encontros e reuniões das pastorais, movimentos, grupos e ministérios.

É difícil se falar em gestão democrática, ouvir todos em uma comunidade religiosa tão grande como a nossa. Sabemos das dificuldades, mas devemos procurar, ao máximo, ouvir, incluir, dar vez e voz a todos os fiéis.

Às vezes se percebe que centralizam e envolvem as mesmas pessoas. Muitos fiéis estão se afastando e não são chamados de volta para o convívio. Às vezes, não vemos as suas necessidades. Para colocar em prática temos que nos esforçar para aprender e transmitir o aprendizado; ensinar com amor e por amor e com ações.

Para promover a transparência, podemos, por exemplo, melhorar os sites das nossas paróquias, pois, muitas vezes não conseguimos achar os horários das missas. Colocar nos portais, também, informações sobre os movimentos e pastorais. Uma pessoa muitas vezes que quer participar, quer ir à missa, mas não acha informações da comunidade.

11 FORMANDO-NOS EM SINODALIDADE

O processo formativo na Igreja acontece de diversas formas: na catequese, nas reuniões, encontros e retiros. Também as pequenas explicações durante as celebrações, ajudam a comunidade a caminhar de forma mais coerente com as diretrizes da Igreja e os preceitos de Deus. É importante ressaltar que o processo formativo ainda não chega a todos que fazem parte do corpo da Igreja. Existem muitas mobilizações – como grupos de partilha, estudo bíblico, grupos de oração e catequese – mas que pouco atraem as pessoas. É necessário investir na catequese continuada e com capacitação para os formadores.

Em se tratando de exercício da autoridade, é claro que, quanto maior o conhecimento a respeito de todos os preceitos ensinados por Cristo, mais capacitado o fiel estará para participar da vida da Igreja e; principalmente para coordenar ou ser autoridade em seus grupos. Muitos líderes estão atarefados, sem tempo até mesmo para cuidar da família e da vida pessoal: acabam não se aprofundando na formação básica doutrinal e espiritual, para perseverar e crescer na fé.

A formação de lideranças se pauta em uma educação fundamentada no diálogo, escuta, compreensão, equilíbrio, e no aprofundamento da Palavra de Deus como principal elemento; mas esses pontos, também, necessitam ser mais bem aplicados nas comunidades, frutificando-se em testemunhos de vida.

Os instrumentos mais eficazes, nesse processo formativo, são aqueles que consideram a idade, a experiência de vida, e o desenvolvimento psicológico de cada um, para que a mensagem recebida seja assimilada. É necessário usar a criatividade, o discernimento e fazer uma leitura do mundo contemporâneo; para se alcançar o êxito formativo na Igreja.

CONCLUSÃO

Caminhar juntos é um itinerário sem exclusão, aceitando as pessoas como elas são, com todas as suas dificuldades e diferenças. Quem conduz os passos da Igreja é o Espírito Santo, e por isso, todos nós somos impulsionados à docilidade do Espírito, para que, com Ele, possamos formar unidade na diversidade, e assim, cumprirmos os desígnios de Cristo.

Os eventos religiosos precisam sempre cultivar e promover evangelização, paz, alegria, conforto, doutrina, valores, missão e salvação, na vida do Povo de Deus. Para tal, sugerimos a promoção de mais momentos de espiritualidade, retiros espirituais, formações Bíblicas e doutrinárias, conhecimento da vida e história dos santos, eventos musicais, caminhadas penitenciais e devocionais, debates, almoços beneficentes, ajuda aos necessitados – sejam enfermos e pobres –, e visitas aos familiares fiéis que passam recentemente pelo luto. Isso tudo, sempre ressaltando a dimensão evangelizadora e missionária de todo batizado católico, cada qual em sua função, condição e ministério próprio.

Para que estes eventos aconteçam, há obstáculos: falta de incentivo e estímulo dos dons dados por Deus a cada um; confusão em reconhecer a função e a posição de cada pessoa, seja na Pastoral, seja na Liturgia; preconceitos; medos; comodismo; pessoas que pensam diferente sem devida temperança, prudência e tolerância; e promoção de eventos em nível comunitário, paroquial, forâneo e diocesano, que coincidem em datas, e acabam dividindo a comunidade, muitas vezes causando mágoas e ressentimentos. Contudo, o Espírito Santo faz com que essas feridas não se espalhem e que as pessoas se reúnam com ideias e vigor renovados, respeitando os direitos e deveres de cada um, através do ser cristão que precisa perpassar pelo diálogo, pelo respeito, e, sobretudo pela fraternidade. Sem o Espírito Santo, nos tornamos autossuficientes, esquivando da comunhão e da unidade, correndo o grave risco de sermos infiéis ao chamado de Deus. De acordo com o Cardeal Raniero Cantalamessa, “não podemos chamar Deus de Pai se não temos o próximo como irmão” (03/12/2021). Nesse sentido, sem a mesma sintonia, e não correspondendo à ação do Divino Espírito, pastorais, movimentos e grupos que formam a comunidade paroquial, estarão impossibilitados de exercerem seus ofícios. Portanto, nós pedimos a Deus que ilumine o Bispo de Roma, que nos pede para caminharmos juntos, e que convida também aqueles que não estão vivenciando a Palavra de Deus, para que não fiquem à margem.

Diante do contexto atual e das dificuldades elencadas, consideramos que a Igreja está em grave dívida com o Povo de Deus, e nós com a nossa missão, pois muito se fala e pouco se ouve, muito se mostra e pouco se acolhe, muito se propaga e pouco se faz.

Para tanto, fica a nossa contribuição, enquanto comunidade: precisamos renovar a nossa linguagem e o nosso ser cristão, conforme a realidade e a condição de cada um; sem desmerecer; sem ofender; sem marginalizar; sem desvalorizar; sem desmotivar; mas também sem deixar de renunciar àquilo que nos é próprio, àquilo que nos é substancial. A nossa fé em Cristo não é mérito e muito menos posse nossa, mas realidade de um Deus que se relaciona conosco, Aquele que se fez homem, e que nos ofereceu e transmitiu os mistérios de nossa salvação, dando a nós o seu Espírito Divino e a sua Igreja que é Una, Santa, Católica e Apostólica, mesmo e apesar de nossas fragilidades. Portanto, ao passo em que juntos integramos: liberdade; verdade; caridade; comunicação livre e autêntica, sem duplicidade de critérios ou oportunismo, contudo, sendo fiéis a nossa essência católica, poderemos, assim, realizar, com a graça de Deus, os trabalhos pastorais e os serviços que Ele nos chama a colaborar.

Juntos somos mais fortes e tudo o que fazemos deve ser através e a partir da oração. A oração nos ajuda a desenvolver um relacionamento com Deus, buscando sua orientação, para que se evite a tentação da autossuficiência e da auto referência que divide e

dispersa. Sem Ele, somos divididos pelo poder, pela aparência, pela inveja, pela concorrência, e pela desunião. Por outro lado, a Igreja de Cristo é instrumento visível e eficaz de santificação e salvação, e está reservada a todos, em todos os tempos, lugares e circunstâncias.

Dessa forma, poderemos ser co-protagonistas da missão, sendo fiéis colaboradores da ação do Espírito Santo, ao passo que formos escutados e guiados de forma contundente pela hierarquia, para que exista diálogo na Igreja onde muitas vezes não há, infelizmente, por parte de seus membros, silêncio, murmurações e ressentimentos que nos impedem de cultivar, perseverantemente, a nossa vocação batismal com compromisso e gratuidade de coração. Para tanto, o diálogo é um processo. Precisamos nos reunir com profundidade de conteúdo, sob lideranças sensíveis às realidades que promovam discussões frutuosas, e que cheguem a uma finalidade ainda mais proveitosa e objetiva.

Diante do contato com as outras realidades religiosas, infelizmente, promovemos pouco ou nada. Não há diálogo ecumênico, tampouco inter-religioso. Quando há, percebemos que existe uma banalização do credo alheio, ou desmerecemos a autenticidade e sacralidade do nosso. Na vida política, vemos que a Igreja no Brasil, recentemente, preocupa-se apenas com a pobreza, por meio de um discurso sociológico, descartando as premissas do discurso religioso-bíblico, que constitui essencialmente a nossa realidade. Propomos, portanto, uma preocupação com os pobres, através de uma mensagem de cunho religioso, condenando os pecados pessoais e sociais que são causa das misérias humanas, e que deflagram visivelmente o ser humano e a sociedade, pois os necessitados de dignidade existem por falta dos desprendidos de coração (cf. Mt 5, 3), que veem nas bem-aventuranças a sua verdadeira riqueza e realização.

Por fim, para sermos uma Igreja Sinodal, pensamos que é necessário termos um coração dócil à ação transformadora do Cristo, sobretudo, à invocação e cultivo dos dons e frutos do Espírito Santo, para que, assim, seja feita a vontade do Pai, e que nos formemos num só coração e numa só alma (At 4, 32). Portanto, para que haja um espírito de Sinodalidade é preciso que se promova esta consciência e responsabilidade, e que, através da oração, o Espírito Santo nos conceda o discernimento que nos motiva e que confere dons e forças para podermos escutar, dialogar, e agir em comunhão. Somente assim participaremos, com fidelidade e sintonia, da Igreja que nos conduz à eternidade.